

O primeiro grande êxito da C.I.A. na América Latina

Waldir José Rampinelli*

Resumo

O artigo analisa a *Revolução de Outubro* (1944-1954) na Guatemala que pôs fim ao Estado Liberal Oligárquico, assim como a estratégia reformista de implantação do capitalismo no país. No entanto, o governo do coronel Jacobo Arbenz Gúzman, eleito democraticamente, enfrenta o poder e a força da *United Fruit Company* – apoiada pela Agência Central de Inteligência e pelo Departamento de Estado de Washington –, que se opõe a qualquer tipo de reforma. O resultado do conflito é a queda de um governo democrático-burguês, a manutenção da economia do país dentro do padrão primário-exportador e o início de um movimento guerrilheiro que vai durar cerca de cinco décadas, com aproximadamente 220 mil mortos.

A Capitânia Geral da Guatemala, que se tornou independente da Coroa espanhola em 1821, esteve ligada até 1839, ainda que de modo incerto, às Províncias Unidas da América Central.¹ A partir de então, a Guatemala foi governada por uma série de ditadores, até eclodir a *Revolução de Outubro*, em 1944.

Os trinta anos de conservadorismo na Guatemala, cujo principal expoente foi o governo de Rafael Carrera (1841-1871), foram substituídos pela reforma liberal, que teve em Justo Rufino Barrios (1873-1885) seu principal idealizador. Adotou este governante uma política de reformas para dissolver as instituições herdadas da época colonial, bem como a sua

* Professor do Depto de História da UFSC; autor de *As duas faces da moeda: as contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004; pesquisador do NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais.

¹ Sob o ponto de vista histórico, pertencem à América Central os seguintes países: Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua e Costa Rica. Belize e Panamá não fazem parte da história centro-americana.

organização social. Pôs fim ao latifúndio eclesiástico, distribuiu terras, multiplicou o número de camponeses, fomentou e introduziu cultivos, acabando assim com diversos sistemas seculares de posse de terra (Guerra-Borges, 1987).

O século XX encontrou a Guatemala governada pelo ditador Manuel Estrada Cabrera (1898-1920), sendo a imagem perfeita daqueles tristes anos descritos com perfeição pelo Nobel de Literatura Miguel Angel Astúrias em *El señor presidente*. Cabrera abriu as portas para a *United Fruit Company*, fazendo-lhe então grandes concessões.

Finalmente, o general Jorge Ubico (1931-1944) realizou melhoras materiais e deu ao país um estado de solvência econômica. Educado, porém, na velha escola liberal, entendia que governar era impor a vontade do presidente sem levar em conta a opinião pública e a constituição do país. Sua ditadura foi derrubada pelos movimentos populares de junho de 1944, dando início à *Revolução de Outubro*.

A Revolução de Outubro

A *Revolução de Outubro*, comandada inicialmente por uma junta de governo, e logo por Arévalo e Arbenz, foi

Uma revolução democrático-burguesa, nacionalista e antiimperialista, que lutava para tirar seu povo de um atraso secular, qual seja, a miséria e a ignorância a que havia sido submetido desde a Conquista espanhola; foi um movimento que buscava substituir a estrutura semi-feudal e semi-colonial de seu anacrônico sistema econômico por outra moderna, ainda que de tipo capitalista, porém, mais avançada. (Toriello Garrido, 1976: 22)

O início deste período de democratização (1944-1954) significava mudanças fundamentais para a Guatemala, tendo-se em vista que a mesma fora totalmente atrelada aos interesses estadunidenses, assim como a grupos estrangeiros aliados a uma oligarquia local, os quais se beneficiavam de toda a riqueza do país. Com a revolução, a burguesia se via coagida a modernizar-se e a oligarquia, lugar-tenente do imperialismo, sofreria sérias perdas econômicas e políticas. Por sua vez, a democracia

representativa passava a reger-se pelo equilíbrio dos três poderes, na tentativa de abandonar um século de ditaduras personalistas.

Era uma revolução nacionalista, porque reivindicava para a Guatemala e seu povo a riqueza do país, a qual era subtraída por alguns monopólios estadunidenses, especialmente a *United Fruit Company* (UFCO),² a *International Railways of Central América (IRCA)* e a Companhia Elétrica da Guatemala. A revolução tentava sair do esquema *banana republic* e das decisões econômicas de Boston,³ que afetavam a maioria da população guatemalteca.

Era uma revolução antiimperialista, porque buscava frear a rapina do império mais forte e voraz do mundo, tentando impedi-lo em seus avanços de conquista e exploração e questionando a tese de que ao sul do Rio Bravo os povos necessitam da proteção do Norte.

Era uma revolução que pretendia tirar a Guatemala de seu atraso cultural, da falta de organização social, do não-direito de associação dos trabalhadores, da dependência e do isolamento internacional em que se encontrava o país. Os principais agentes desta mudança eram burgueses liberais ou progressistas e militares nacionalistas.

Era uma revolução de mudanças conjunturais e não estruturais.⁴ No entanto, não foi permitido à Guatemala buscar um desenvolvimento independente, pois isto significaria uma *ameaça* aos interesses econômicos estadunidenses.

² A *United Fruit Company* constituía um vasto império econômico, pois além de terras na América Latina (Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Honduras, Jamaica, Nicarágua e Panamá), possuía investimentos na Europa e África. Abriu sua primeira divisão na Guatemala em 1906, e com o apoio dos ditadores de então, passou a dominar a economia do país, sendo um estado dentro de outro.

³ A matriz da *United Fruit Company* estava sediada em Boston, nos Estados Unidos.

⁴ Assim define Edelberto Torres Rivas a *Revolução de Outubro*: Foi o começo de um novo ciclo econômico que sem debilitar, como em outras latitudes, a economia cafeeicultora, eixo indiscutível da vida nacional, apresentou como possibilidade não atingida ainda, o desenvolvimento industrial e a diversificação agrícola; inaugurou também uma nova forma de convivência política, qual seja, uma vida democrática e as possibilidades de organização e participação popular ampliadas. Torres Rivas (1987: 152).

O que na realidade ocorreu, foi uma ampliação das bases sociais de poder, chegando a classe média à estrutura administrativa do governo. Como se viviam os efeitos do pós-guerra – renovação econômica, política e cultural – não foi difícil buscar um projeto que inicialmente agradasse a quase todos.

A eleição do coronel Arbenz

Uma vez promulgada a nova constituição da República (1945), redigida e aprovada por uma Assembléia Constituinte da qual participaram representantes de todas as classes sociais e credos políticos, começou o governo de Arévalo a fazer as reformas necessárias ao país. A nova carta permitia a organização social, concedia autonomia à Universidade Nacional, criava o cargo de chefe das Forças Armadas e apresentava avanços nos setores político, econômico, social e cultural.⁵ Foi um período difícil, marcado pelo perigo do golpe de Estado e tentativas de subversão.⁶

Ocorre que a ampla coalizão de forças que derrubou o ditador Ubico em 1944 começa a erodir na proporção em que o governo de Arévalo, representante típico da intelectualidade pequeno-burguesa, avançava no campo das reformas. O setor conservador anti-Ubico – composto por profissionais ligados à riqueza agrária, comerciantes importadores, empresários médios e alguns políticos – se opôs à candidatura popular de Juan José Arévalo e fez uma forte oposição a seu governo (1945-1951).

Em 1950 houve eleições para a presidência e, pela primeira vez, depois de muitas décadas, um governo entregava democraticamente ao

⁵ Concedeu-se o direito de voto ao analfabeto e à mulher; a livre organização de partidos políticos e entidades sociais; a autonomia municipal; a representação de minorias eleitorais e a liberdade de imprensa, criando-se um clima de tolerância e estímulo para o debate ideológico, o que contribuiu no meio rural, para erodir a estrutura patriarcal-autoritária.

⁶ Apenas o governo de Arévalo sofreu 28 tentativas de golpe de Estado, sendo uma delas, a de 18 de julho de 1949, comandada pelo próprio chefe das Forças Armadas.

seu sucessor o comando do país. O coronel Arbenz fora eleito presidente da Guatemala com 65% dos mais de 400.000 votos emitidos.⁷ Era o homem mais qualificado para aprofundar e dar continuidade às reformas de base iniciadas por Arévalo. No entanto, encontraria a oligarquia local altamente irritada pelas reformas do primeiro governo revolucionário, a burguesia já em franca oposição, setores da classe média descrentes, alguns chefes militares não aceitando os avanços democráticos e a Guerra Fria desencadeada pelos Estados Unidos defendendo a estratégia da *contenção global*. Daí que qualquer reforma democrático-burguesa fosse apresentada como obra do *comunismo internacional*, principalmente se a mesma acontecesse no *quintal* dos Estados Unidos. O próprio Arévalo reconheceu que seu sucessor ou abandonaria os ideais da *Revolução de Outubro*, ou enfrentaria pressões quase intransponíveis para consolidá-los. Arbenz, no entanto, um militar nacionalista, optara pela segunda alternativa.

As reformas de Arbenz

Jacobo Arbenz Guzmán tomou posse na presidência em 15 de março de 1951. Sabia da difícil tarefa que o esperava, porém tinha esperanças de transformar a Guatemala e estava decidido a levar a cabo o programa de reformas para o qual fora eleito.

Nosso governo propõe-se a iniciar o caminho do desenvolvimento econômico da Guatemala, tendendo para os três objetivos clássicos: 1) transformar nosso país, de uma nação dependente e de uma economia semi-colonial, em um país economicamente independente; 2) transformar a Guatemala, de país atrasado e de economia predominantemente feudal, em um país moderno e capitalista; 3) fazer com que estas transformações aconteçam de tal forma que elevem ao máximo possível o nível de vida das grandes massas populares. (Arbenz Guzman, 1951)

⁷ Nas eleições de 19 de dezembro de 1944, a primeira acontecida na história da Guatemala, Arévalo obteve 86% dos votos emitidos.

Como o governo de Arévalo havia investido muito nos setores político-sociais, a Arbenz coube o desafio maior: a reforma agrária. Para efetua-la, o governo teria que enfrentar a oligarquia latifundiária, pois 2,2% da mesma ainda era proprietária de 70,5% das terras cultiváveis do país, sendo que 57% dos camponeses nada possuíam. Além do mais, a *United Fruit Company* (e sua subsidiária, a Companhia Agrícola da Guatemala) dispunha de 230.000 hectares sem cultivar, o que equivale a 7% das terras aráveis do país. Levando-se em conta que 259.169 propriedades, todas inferiores a 3,5 hectares, cobrem 8% das terras da Guatemala, a empresa estadunidense tinha uma preponderância assustadora sobre o território nacional. (Censo Agro-pecuário, 1950). Grande parte destas terras foram presenteadas pelos tiranos *fruteros* em troca de apoio às suas ditaduras.

A reforma agrária era imprescindível para tirar a Guatemala de uma situação de dependência estrutural, de economia de enclave,⁸ pondo-a em um sistema capitalista moderno e produtivo. Por isso, Arbenz buscou um desenvolvimento nacional independente e, estrategicamente, usou a burguesia para uma tarefa dupla, qual seja, a de fortalecer o mercado interno contra os interesses dos latifundiários e o de ampliá-lo, enfrentando os imperialistas.⁹ Isto com base em uma ativa mobilização e em favor das massas populares. No dia 17 de julho de 1952, o Congresso

⁸ (...) O enclave é a base econômica do poder político do governo oligárquico. Ao mesmo tempo, é a cadeia mais visível de sua dependência a respeito do imperialismo. Na medida em que o enclave é próspero, cresce a penetração imperialista no país dependente e aumenta o poder e a tenacidade do governo oligárquico. Quando estas condições econômicas se combinam com o apoio do clero, das forças armadas e da burocracia pública, o regime pode ter uma longa vida, como nos casos de Díaz no México, Gómez na Venezuela e Leguía no Peru, para mencionar apenas estes casos notáveis. (Ianni 1975: 72-73).

⁹ Cabe lembrar que uma das causas do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos foi o fortalecimento de seu mercado interno.

Nacional aprovou a iniciativa do Presidente e decretou a Lei de Reforma Agrária, o tão conhecido Decreto 900.¹⁰

A reforma agrária afetava unicamente as terras não cultivadas das grandes fazendas. As propriedades com menos de 90 hectares não estavam sujeitas à reforma, tampouco aquelas entre 90 e 270 hectares que fossem cultivadas em seus dois terços. As fazendas de qualquer extensão que fossem totalmente produtivas também não seriam expropriadas. O Decreto 900, em seu artigo 1º, assim definia a reforma agrária:

liquidar a propriedade feudal no campo e as relações de produção que dela se originam para desenvolver uma forma de exploração e métodos capitalistas de produção na agricultura, preparando o caminho para a industrialização da Guatemala. (Decreto 900: 1952)

A *United Fruit Company*, proprietária da maior parte das terras ociosas em todo o país, não participava do esforço de produção nacional, sendo, portanto, necessário expropriá-la.¹¹

Enquanto o governo de Arbenz confiscava as terras da oligarquia local, não houve nenhum atrito mais sério com os Estados Unidos. O conflito começou quando se deu a primeira expropriação da *United Fruit Company*, em março de 1953.¹² Cabe lembrar que em janeiro do mesmo ano chegava ao poder o Partido Republicano, cujos líderes visíveis da nova administração eram: o presidente general Dwight Eisenhower, o vice-presidente Richard Nixon, o secretário de Estado John Foster Dulles e o chefe da Agência Central de Inteligência Allan Dulles. Alguns deles estavam diretamente envolvidos com os negócios da *United Fruit Company*.

¹⁰ A reforma agrária de Arbenz não foi apenas um ato administrativo, mas teve a participação efetiva das bases na estratégia de realização da mesma. Criou-se, por exemplo, ao redor de 1.500 comitês agrários locais para debater democraticamente o processo expropriatório e assegurar uma mobilização política para a consecução da mesma.

¹¹ O governo de Arbenz expropriou 495.843 hectares de terras ociosas, entregando-as – em propriedade, usufruto ou forma de cooperativa – a mais de 100.000 camponeses e concedeu-lhes créditos no valor de 18 milhões de dólares.

¹² Foi a primeira grande desapropriação, e a maior de todas, pois retirou da *United Fruit Company* 239.624 acres em Tiquisate, perto da costa do Pacífico.

Tanto é verdade que, de imediato à primeira confiscação de terras da *United Fruit Company* (vinte e um dias depois), o Departamento de Estado fez um protesto formal ao presidente da Guatemala. Dizia que “o governo dos Estados Unidos via com preocupação a aplicação da Lei de Reforma Agrária nas terras da *United Fruit Company*” e expressava sua desconfiança sobre as intenções do governo guatemalteco ao aplicar a tal lei “tornando impossível a continuação das operações da *United Fruit Company*. (Torriello Garrido 1976: 79-80).

O Departamento de Estado (DE) e a *United Fruit Company* (UFCO) começam, então, uma articulação para derrotar a reforma agrária de Arbenz, bem como o seu governo. A estes dois juntou-se a Agência Central de Inteligência (CIA) formando o triângulo (DE+UFCO+CIA) que vai torpedear a democratização guatemalteca. Além da reforma agrária,¹³ desagradava muito aos Estados Unidos a presença e influência de comunistas no governo de Arbenz.

A reação do imperialismo

À medida que a reforma agrária avançava, expropriando cada vez mais terras da oligarquia local, da Igreja Católica e principalmente da *United Fruit Company* – indenizando-os com obrigações do governo guatemalteco a um prazo de vinte e cinco anos e com taxas de juros de 3% - as forças reacionárias internas e externas passaram a planejar a queda de Arbenz e de seu projeto democrático.

O triângulo DE+UFCO+CIA, com a ajuda subsidiária dos agentes de Franco, da Igreja Católica¹⁴ e da oligarquia local – sob a liderança do

¹³ Os Estados Unidos também estavam preocupados com as greves de operários nas plantações da *United Fruit Company* e a expulsão do embaixador estadunidense Patterson por interferência nos assuntos internos da Guatemala.

¹⁴ No mês de janeiro de 1954 realizou-se uma fervorosa cruzada de fé em defesa da propriedade privada, da tradição e da família. A 13 de maio do mesmo ano, fase final do governo de Arbenz, entrou no ar uma potente rádio clandestina a serviço da contra-revolução. Esta emissora estava instalada no Santuário do Senhor Jesus de Esquipulas,

procônsul John Peurifoy, embaixador estadunidense na Guatemala – realizam todo tipo de artimanhas contra o governo constitucional de Arbenz, tais como: acusa-se sistematicamente a Guatemala de estar favorável ao *comunismo internacional* e de que a União Soviética começa a montar uma *cabeça-de-praia* como estratégia para chegar ao continente americano; nega-se o Departamento de Estado a autorizar a venda de equipamento militar à Guatemala, alegando que esta restrição obedecia à Lei de Ajuda Mútua para a Defesa e ao mesmo tempo pressiona a que os países europeus façam o mesmo, sendo Arbenz obrigado a comprar armas da Tchecoslováquia para preservar sua revolução ameaçada; faz-se propaganda em toda a América Latina contra a Guatemala, por haver comprado armamento de um país socialista; enfim, prepara-se (DE+UFCO+CIA) a invasão do país, tendo sempre a preocupação de apresentá-la como uma rebelião interna.¹⁵

Paulatinamente, os Estados Unidos conseguem isolar a Guatemala dos demais países centro-americanos e estimulam os governos regionais a tomar atitudes agressivas e provocadoras contra a democratização de Arbenz. Honduras e Nicarágua¹⁶ são os primeiros a aderir aos planos intervencionistas de Washington e preparam, sem nenhum constrangimento, a invasão armada.

A imprensa conservadora da América do Sul, comandada pela estadunidense, apresenta a terra de Miguel Angel Astúrias como um *perigo*

Cristo negro da época colonial e a imagem mais venerada pelo povo católico da Guatemala, na cidade do mesmo nome, perto da fronteira de Honduras.

¹⁵ Sobre os planos da CIA para a invasão da Guatemala vejam-se SCHLESINGER, Stephen: KINZER, Stephen (1985). *Fruta amarga: la CIA em Guatemala*. México: Século XXI, e NEUBERGER, Günter: OPPERSKALSKI Michael (1985). *La CIA em Centroamérica y el Caribe*. Havana: Editora José Martí..

¹⁶ Uma suposta ingerência da Guatemala em uma greve dos trabalhadores da *United Fruit Company* em Honduras foi o pretexto usado pelo governo de Juan Manuel Gálvez para participar da invasão ao país vizinho e a Nicarágua estava nas mãos do tirano Anastácio Somoza, responsável direto pelo assassinato de Sandino e representante dos interesses estadunidenses desde 1937.

vermelho para todo o continente, sendo necessário extirpar-lo o mais rápido possível e a qualquer preço.

Depois desta constante e sistemática campanha contra a Guatemala na América Latina e nos Estados Unidos, acrescida das divisões internas nas instituições provocadas pela Agência Central de Inteligência, tudo estava preparado para a queda de Arbenz. Começa, então, comandada pela Agência Central de Inteligência, a invasão armada a um país cujo governo apenas desejava um capitalismo mais moderno para seu povo e soberania e independência para o Estado. A Guatemala ficou absolutamente só na América Latina, nesta luta de um grande país pequeno contra a o maior *Estado imperial* do mundo.

A resistência de Arbenz

O presidente Arbenz teria condições de resistir e inclusive vencer os mercenários armados e treinados pelos Estados Unidos. Infelizmente, porém, cometeu muitos erros que lhe custaram o cargo e com isso a esperança de uma grande maioria: *a Revolução de Outubro*.

Seu primeiro grande e decisivo equívoco foi o de confiar cegamente na lealdade do exército. Pretendia a *revolução* reorganizar o exército nacional, transformando-o em uma instituição apolítica do Estado, com o fim de torná-lo o guardião das instituições, o defensor da Constituição e o garantidor da ordem pública. Assim, tentava-se mudar sua função de antigo defensor das tiranias, repressor do povo, apoiador das oligarquias e monopólios estrangeiros, para o de *protetor* de uma Guatemala moderna. Não sendo possível atingir tais objetivos devido à brevidade do tempo, Arbenz deveria avaliar melhor que tipo de exército possuía em um momento de crise.¹⁷

¹⁷ Uma vez desatada a invasão, muitos chefes militares desertaram, pressionados pelo embaixador estadunidense, ocasionando um efeito desmoralizador entre líderes políticos e o próprio presidente.

Como nacionalista que era, e tendo sido educado em uma academia militar, acreditava na hierarquia das Forças Armadas. Jamais pensou que a instituição militar desobedecesse ao comandante-em-chefe. João Goulart e Salvador Allende cometeriam os mesmos erros, mais tarde, no Brasil e no Chile.

Arbenz poderia ter reestruturado o exército, educando-o dentro dos princípios nacionalistas, e organizar as forças revolucionárias (partido políticos, sindicatos, estudantes, camponeses, professores, profissionais liberais, a pequena burguesia) para a defesa do projeto de democratização. Ele previu que seu governo seria marcado pela crise permanente e que a reforma agrária seria o *leit motiv* da contra-revolução. E somente é possível avançar e aprofundar as reformas de base quando se dispõe de forças suficientes para garanti-las. A uma revolução, tenha o caráter que tiver, somente se a defende com as armas nas mãos de um povo organizado. Infelizmente, não se desenvolveu a luta política no seio das classes e de suas organizações. Portanto, não houve a presença e tampouco a ação das massas para conter a estratégia contra-revolucionária.¹⁸ O Estado ficou isolado por fora e quebrado por dentro.

O segundo erro do coronel Arbenz, apesar do exército de que dispunha, foi o de não tentar a resistência na capital e, se derrotado, transferir a luta para algum ponto do país, já que nas forças armadas havia muitos oficiais leais ao presidente. Muitos deles, inclusive, estavam dispostos a lutar até as últimas conseqüências para salvaguardar a constitucionalidade e a democratização. Tanto isto é verdade, que uma vez derrotado o governo, muitos se retiraram para a clandestinidade, organizando a luta armada contra o novo ditador.

¹⁸ A queda de Arbenz, segundo publicações de um Comitê Especial do Senado estadunidense, foi o primeiro plano bem sucedido da Agência Central de Inteligência, perpetrado contra vários governos estrangeiros. Um tema de nacionalização foi convertido em um problema político-militar-ideológico com a União Soviética. É a montagem do primeiro processo contra-revolucionário que mais tarde vai tomar conta de toda a América Latina, sendo a política externa dos Estados Unidos incompetente para tratar com os movimentos progressista da região.

Caso Arbenz não conseguisse o efeito desejado, poderia lançar mão da resistência através de uma força guerrilheira, pois o mesmo possuía forte base de apoio no campo, devido ao seu programa de reforma agrária.

O terceiro equívoco do governo da *Revolução de Outubro* foi o de permitir, à plena luz do dia, as maquinações intervencionistas da embaixada estadunidense. Nenhum governo soberano, e além do mais revolucionário, poderia sofrer tamanha ingerência externa por parte do embaixador John Peurifoy ou interna por conta do bispo *frutero* Mariano Rosell Arellano. Arbenz poderia ter expulsado o diplomata estadunidense e neutralizado a oposição reacionária interna, eliminando as bases de apoio que encontraram os mercenários invasores da CIA.

Finalmente, o governo da Guatemala, ao fazer uma *revolução*, ainda que democrático-burguesa, no *quintal* dos Estados Unidos e perto do Canal do Panamá, deveria buscar apoio em algum país fora do continente.¹⁹ Bolívar já havia defendido esta tese no processo de emancipação das colônias espanholas, e caso Fidel Castro não se equipasse com armas soviéticas, provavelmente a Revolução Cubana estivesse condenada ao fracasso.

Posição da OEA e da ONU

Tanto a OEA como a ONU adotaram uma atitude pró-imperialista frente à frise guatemalteca. Na X Conferência Inter-Americana de Caracas – março de 1954 – os Estados Unidos manobram as delegações conseguindo uma condenação da OEA à “intervenção do comunismo internacional no Continente”²⁰ e que o governo da Guatemala estava

¹⁹ A Revolução Mexicana, o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) bem como a propaganda contra os ditadores europeus montada pelos aliados durante a Segunda Guerra Mundial influenciaram os guatemaltecos a lutar pela sua democratização. No entanto, qualquer avanço além da democracia representativa causaria apreensão aos Estados Unidos. Daí a necessidade estratégica de buscar apoio externo para garantir as futuras pressões lideradas pela Casa Branca.

²⁰ A OEA, organismo político regional destinado a defender os interesses estadunidenses durante a Guerra Fria, tem-se manifestado a favor de um anticomunismo cego e torpe.

impregnado dele. Na realidade buscava-se o apoio político dos países da região para pôr em prática seu plano contra-revolucionário, já em estado avançado. Pretendia a delegação estadunidense, sob o comando de John Foster Dulles, pôr a Guatemala de Arbenz no banco dos réus, apresentando-a como uma ameaça a todo o continente e assim ter as mãos livres para derrotar um governo que havia questionado o “condutor do mundo ocidental”, “o defensor da civilização cristã”, “o campeão da democracia”, “o paladino de todas as liberdades” e o único país a ser protagonista de uma “verdadeira Revolução”. Basicamente em torno destas idéias trabalharam todo o tempo os representantes estadunidenses.

A delegação guatemalteca, no entanto, preparada para este tipo de pressão, inverteu os papéis pondo os Estados Unidos no banco dos acusados. Guillermo Toriello Garrido, ministro das Relações Exteriores da Guatemala, em um discurso que se tornou famoso, fez uma magistral defesa da *Revolução de Outubro*, condenando a ingerência estadunidense nos assuntos internos de seu país, anunciando planos da invasão armada, desmascarando o pan-americanismo e conclamando a América Latina a juntar-se à causa de seu povo.

Estes mesmo privilegiados [refere-se aos Estados Unidos, WJR] também têm recorrido ao incentivo e sustento de complôs e atos subversivos para derrubar pela força um governo que conta com o verdadeiro respaldo de seu povo e que não necessita apadrinhamentos externos para manter-se no poder. Tem aconselhado o boicote e agressão econômica contra a Guatemala a partir da imprensa e até de tribunas de parlamentos. Não contentes ainda, e em vista do fracasso de todos os seus intentos, agora,

Em 1948, na cidade de Bogotá, a OEA aprovou uma resolução em que o comunismo internacional, por sua “natureza anti-democrática e suas tendências intervencionistas” não se ajusta ao “conceito americano de liberdade”. Já em abril de 1951, em Washington, numa reunião de ministros de Relações Exteriores, a resolução de Bogotá foi reforçada ao se pedir uma cooperação internacional “visando à erradicação de qualquer ameaça de atividade subversiva que possa pôr em perigo a democracia e o estilo de vida livre nas Repúblicas Americanas”. Finalmente, em Caracas, a OEA afirmou que “a dominação ou controle das instituições políticas de qualquer Estado Americano pelo movimento comunista internacional, estendendo a este Hemisfério o sistema político de uma potência extracontinental, constituiria uma ameaça à soberania e à independência política dos Estados Americanos, pondo em perigo a paz da América, e exigiria a convocação de uma Reunião de Consulta destinada a considerar a adoção de uma atitude apropriada, segundo os tratados vigentes”.(James, s.d.: 114)

invocando novamente a palavra sagrada da democracia e repetindo o pretexto absurdo de que a Guatemala é uma *cabeça-de-praia do comunismo internacional na América*, e que a pequena república constitui uma ameaça à segurança de todo um continente, se atrevem a cometer o último atentado, já não somente contra a Guatemala, mas sim contra o mais sólido cimento do pan-americanismo, propiciando uma intervenção aberta no governo guatemalteco. (Toriello Garrido, 1976: 114).

Ao final, todas as delegações votaram favoravelmente aos Estados Unidos condenando *o comunismo internacional e sua ingerência na Guatemala*, com exceção do México e da Argentina, que se abstiveram, e da Guatemala, que logicamente se posicionou contrária. Apesar de estar perdida a luta política, este discurso teve grande repercussão, pois até então nenhum governo latino-americano se atrevera a contradizer os delegados de Washington em uma reunião internacional, menos ainda atacar a sua política imperialista. A grande maioria dos governos latino-americanos deixou a Guatemala absolutamente só frente ao *gigante de sete léguas*.²¹

Mais tarde, quando o país já estava sendo invadido, apelou o governo de Arbenz à ONU e esta, manobrada pelos Estados Unidos e seus aliados, fez caso omissivo da situação, afirmando ser ela competência da OEA. A Comissão de Inquérito do organismo regional, que partiria para a região centro-americana, propositadamente retardou sua viagem, fazendo com que a situação se deteriorasse e Arbenz fosse coagido a renunciar. A única voz a protestar na ONU contra a invasão armada foi a do representante da União Soviética.

Os dois organismos – OEA e ONU – nada fizeram para evitar a invasão a um país soberano com um governo legitimamente constituído. Foi um ato de traição da OEA e da ONU que manchou suas histórias, pôs

²¹ Houve manifestações populares pelo menos em dez países da América Latina, aumentando na região o sentimento antiimperialista. No Brasil, por exemplo, cujo governo apoiou os Estados Unidos na X Conferência Inter-Americana de Caracas e na ONU, o Partido Socialista promoveu um ato público de apoio à Guatemala e três membros da Câmara Municipal do Rio de Janeiro defenderam abertamente o governo de Arbenz.

em dúvida suas existências e questionou a operacionalidade de tais organismos quando estão em jogo interesses imperialistas. Dag Hammarskjold, então secretário-geral da ONU, ficou tão indignado diante das maquinações estadunidenses que ameaçou renunciar. (Connell-Smith, 1971: 271-278).

Por que fracassou a *Revolução de Outubro*?

Primeiro por uma questão de geopolítica, já que a Guatemala está na América Central, região completamente dominada pelos Estados Unidos e qualquer mudança, por menor que seja, não pode afetar os interesses hegemônicos de Washington.

Segundo, no contexto político internacional se vivia a paranóia da Guerra Fria²² e a da Coreia apenas havia terminado, o macarthismo estava no seu auge e seria muito difícil ao *Estado imperial* assimilar uma mudança, ainda que democrático-burguesa, em uma área considerada de inteira influência de Washington. Ademais, o movimento guatemalteco se encaixava dentro da conhecida versão leninista das etapas revolucionárias, proclamada na III Internacional socialista: “Que primeiro haja capitalismo para poder destruí-lo”.

Terceiro, as soluções de revolução eram reformistas e como tais debilitavam sua base de apoio e resistência. As burguesias nacionais são mais burguesas que nacionais, sendo antiimperialistas apenas enquanto auferem vantagens. Quando as classes marginalizadas se organizam e adquirem poder, a burguesia também passa a acusá-la de comunista. E na Guatemala de Arbenz alguns indígenas já haviam sido eleitos para cargos públicos no interior do país.

Quarto, esqueceu-se da luta de classes.

²² A Guatemala, ao aceitar o apoio do bloco soviético em maio de 1954 – ainda que tímido –, levou os Estados Unidos a movimentar suas forças nucleares estratégicas, enviando bombardeiros à Nicarágua para tranquilizar a dinastia dos Somoza.

Conclusões

Enganam-se aqueles que pensam que a *Revolução de Outubro* foi ao exílio com Arbenz, e que a esperança do povo guatemalteco desapareceu. Uma vez derrotado o governo, os princípios revolucionários passaram a orientar as pessoas, grupos, partidos políticos e inclusive países. A fracassada revolução guatemalteca deixou lições históricas.

Os diversos grupos guerrilheiros – que assinaram um acordo de paz em 1998 – são filhos ideológicos da *Revolução de Outubro* que, uma vez fechadas todas as possibilidades de mudança através da legalidade, optaram pela via armada. Tais grupos, às vezes mais organizados e fortes e outras menos, buscaram uma unidade (Unidade Nacional Revolucionária Guatemalteca – UNRG) na luta contra governos ditatoriais ou neoliberais que sucederam a este período de democratização. O exército, apesar de grande ajuda estadunidense, não conseguiu exterminá-los.

A *Revolução de Outubro* desempenhou um papel importante sobre a Cubana, principalmente por estar Ernesto Guevara de la Serna (*El Che*) na Guatemala quando da queda de Arbenz, alertando mais tarde Fidel Castro a tomar medidas exatamente contrárias às do país centro-americano, “Cuba não é Guatemala”, disse depois Castro.

O antinorte-americanismo se acentuou muito na América Latina depois dos acontecimentos da Guatemala, a tal ponto que quando Richard Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos, e Nelson Rockefeller, governador do Estado de Nova Iorque, fizeram viagens de trabalho ao continente, houve manifestações violentas em todos os países visitados por ambos.

Depois da derrota de Arbenz, aumentaram a unidade e a consciência dos povos da região para enfrentar as intervenções imperialistas e seus monopólios econômicos.

Por último, a *Revolução de Outubro* obrigou os governos da América Latina e os organismos regionais e internacionais a tomar uma posição

frente a um pequeno grande país que, por meio de uma revolução democrático-burguesa, buscava um sistema capitalista mais moderno e avançado, com um Estado soberano e independente.

Bibliografia

ARBENZ GUZMAN, J. (1951). *Discurso de posse na presidência*.

CONNELL-SMITH, G. (1971). *El sistema interamericano*. México: Fundo de Cultura Econômica.

Decreto 900, *Lei de Reforma Agrária* (1952). Guatemala: Tipografia Nacional.

GUERRA-BORGES, A. (1987). “Guatemala: três tiempos de uma historia inconclusa”. In: CUEVA, Agustín. (Org.) *Centroamérica: uma historia sin retoque*. México: Editora O Dia.

IANNI, O. (1975). *La formación del Estado populista em América Latina*. México: Era.

JAMES, D.(s.d.) *Plano vermelho para as Américas*, Rio de Janeiro: Editora Ipanema.

TORIELLO GARRIDO, G. (1976). *Trás la cortina de banano*. México: Fundo de Cultura Econômica.

TORRES RIVAS, E. (1987). “Guatemala: meio século de história política”. In: GONZALEZ CASANOVA, Pablo (Org.) *América Latina: história de médio siglo*, vol 2., 4 ed. México: Século XXI.